



O ALMANACH LITTERARIO DE SÃO PAULO: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE INTELLECTUAL E CRÍTICA AO SISTEMA POLÍTICO IMPERIAL

Rubens Arantes Corrêa*

Instituto Federal de São Paulo – IFSP/ campus Birigui

rubens.arantes65@gmail.com

RESUMO: Entre 1876 e 1885, excetuando os anos de 1882 e 1883, veio à público na capital paulista, o *Almanach Litterario de São Paulo*, por iniciativa de José Maria Lisboa, tipógrafo lusitano de origem. Inserido numa antiga tradição desse tipo de publicação, o caso do almanaque paulista teve como particularidade o fato de reunir ao longo de seus oito volumes publicado grupo de intelectuais identificados com repertório de oposição ao sistema político imperial dominante. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é o de resgatar a história desta publicação situando-a no contexto de crise do Império e de transição para a República. O tratamento conceitual que se pretende aplicar no contexto deste trabalho é o de sociabilidade intelectual desenvolvido por Jean-François Sirinelli, no âmbito da história dos intelectuais, combinado com o de repertório, elaborado por Charles Tilly, a partir da perspectiva da sociologia da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Almanaque. Intelectuais. Repertório.

THE ALMANACH LITERARY OF SÃO PAULO: SPACE OF INTELLECTUAL AND SOCIAL CRITICISM OF THE IMPERIAL POLITICAL SYSTEM

SUMMARY: Between 1876 and 1885, except for the years 1881 and 1882 came public in the city of São Paulo, the *Almanack Litterario of São Paulo*, at the initiative of Jose Maria Lisboa, Lusitanian typesetter. Housed in an old tradition of this type of publication, the case of São Paulo Almanac had the particularity the fact gathering throughout its eight volumes published group of intellectuals identified with opposition repertoire of the dominant imperial political system. In this sense, the objective of this work is to rescue the history of this publication by placing it in the context of the empire's crisis and moving into the republic. The conceptual treatment intended to be applied in the context of this work is the intellectual sociability developed by Jean-François Sirinelli within the history of intellectuals, combined with the repertoire, prepared by Charles Tilly, from the perspective of the sociology of culture.

KEYWORDS: Almanac. Intellectuals. Repertoire.

* Professor do Instituto Federal de São Paulo - IFSP campus Birigui. Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista - UNESP campus Franca.

Almanaque é um gênero de publicação e leitura de longa historicidade remontando às mais antigas civilizações. Sua utilidade prática para as sociedades parece estar muito ligada ao registro do tempo por meio de calendários religiosos, agrícolas e astronômicos. Tem-se notícia, a título de exemplo, de que na Roma Antiga havia almanaque enfeixando calendário oficial do Império convivendo, ao mesmo tempo, com almanaques rústicos, que continham preceitos para a vida agrícola.¹

Mas é na Europa medieval que a cultura do almanaque passa a ser praticada com maior regularidade e constância, introduzida, provavelmente pelas incursões árabes, de quem, por sinal, derivou o sentido filológico do termo: da combinação entre o artigo *al* e da palavra *manach*, tem-se, em português, o correspondente *o cálculo* ou *o computo*. Monges e frades católicos adotam a prática do almanaque registrando o computo de festas e fatos apropriados ao domínio religioso católico.²

No decorrer do tempo seu formato e conteúdo são expandidos com a incorporação de estampas, decorações, imagens e ilustrações, além de variações temáticas como, por exemplo, narrativas históricas e militares laudatórias das glórias de reinos e monarquias, ou até mesmo, catálogo de profecias como foi o caso do almanaque de 1550 e que durou até 1567 elaborado por Miguel de Nostradamus e que teve continuação a partir de 1636 por um certo *Almanach de Liège*, com os mesmos propósitos, sendo elaborado, dessa vez, por Matheus Laensberg.³

No século XVIII sob o impulso do capitalismo industrial gerando uma cultura urbano-editorial surgem o *Almanaque de Gotha*, na Alemanha, referência de casas reais europeias; e o *Poor Richard's Almanac*, publicado por Benjamim Franklin, que contribuiu para a propagação da cultura puritana norte-americana alicerçada na ética da poupança e da economia. Data deste mesmo tempo o *Almanaque das Musas* publicado em Portugal como paródia de um almanaque do mesmo porte publicado na França e que tinha como especial interesse a divulgação de textos de fundo literário.⁴

¹ PAIVA, Francisco Mendes. História do Almanach. In: LISBOA, José Maria (ed.). **O Almanaque Literário de São Paulo para o Ano de 1876** – 1º. Ano. São Paulo: Tipografia da Província de São Paulo, 1875 p. 165-167.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ REZENDE, Carlos Penteado de. Notícia Prévia. In: LISBOA, José Maria (ed.). **O Almanaque Literário de São Paulo para o Ano de 1876** – 1º. Ano. São Paulo: Tipografia da Província de São Paulo, 1875 (texto introdutório à reedição da obra em 1982), s/p.

Le Goff⁵ nos remete aos diversos momentos da história francesa vista por meio dos almanaques, como os casos do almanaque de “propaganda régia” dos tempos de Luís XIV; o almanaque como forma de “contestação” e “denúncia” como o de 1653; o almanaque como expressão “da cultura e do gosto” do século das Luzes; o almanaque dos tempos revolucionários celebrando “os símbolos e as alegorias” propagados pelo evento de 1789; até chegarmos ao almanaque dos tempos contemporâneos, expressão do utilitarismo dos meios de transportes percebido na publicação dos horários “das diligências, dos barcos a vapor, dos ônibus”.

De tal forma que os almanaques inseriram-se no universo cultural como espaços “de encontros privilegiados entre cultura erudita e cultura popular”, com público próprio de destinação de seu consumo e oferta particular de conteúdos:

Ilustrado com signos, figuras, imagens, o almanaque dirige-se aos analfabetos e a quem lê pouco. Reúne e oferece um saber para todos: astronômico, com os eclipses e as fases da Lua; religioso e social, com as festas e especialmente as festas dos santos que dão lugar aos aniversários no seio das famílias; científico e técnico, com conselhos sobre os trabalhos agrícolas, a medicina, a higiene; histórico, com as cronologias, os grandes personagens, os acontecimentos históricos ou anedóticos; utilitário, com a indicação das feiras, das chegadas e partidas dos correios; literário, com anedotas, fábulas, contos; e, finalmente, astrológico.⁶



No Brasil a cultura do almanaque, tal como a imprensa de um modo geral, foi introduzida tardiamente. Sabe-se que no final do século XVIII na conjuntura de crise do sistema colonial lusitano teve circulação o *Almanaque Histórico do Rio de Janeiro* com publicidade para os anos de 1792, 1793 e 1799. Rompidos os laços coloniais e já sob o Reinado de Pedro II tem início a divulgação do *Almanaque Laemmert*, a partir do ano de 1844. Iniciativa dos irmãos Eduard e Heinrich Laemmert, proprietários de livraria e tipografia na capital do Império, o *Almanaque Laemmert* teve periodicidade até o ano de 1889 em quarenta e seis edições:

os volumes eram quase sempre voltados à propagação de informes administrativos, políticos, eclesiásticos, econômicos e comerciais,

⁵ LE GOFF, J. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 526-527.

⁶ Ibid., p. 527

relacionando autoridades e personalidades, cargos, profissões, confrarias, artes, ofícios e até locais de moradia.⁷

No caso da Província de São Paulo a experiência pioneira de publicações de almanaques ficou a cargo de Marques e Irmão, organizadores do *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de São Paulo para o ano de 1857* tendo continuidade para o ano de 1858. Este almanaque foi impresso na Tipografia Imparcial de propriedade de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, também proprietário à época de *Correio Paulistano* um dos marcos da imprensa em São Paulo.⁸ Desta mesma tipografia viria à publicação na década seguinte o *Memorial Paulistano para o ano de 1863* tendo longo subtítulo: *contendo a folhinha, tabella de partidas e chegadas dos correios dos diversos pontos da Provincia, autoridades e funcionarios publicos da capital...*

A expansão do café pelo interior da província de São Paulo traz consigo ares de modernidade para a região como urbanização, ferrovias, estabelecimentos comerciais entre outros aspectos, permitindo a formação de um público leitor ainda que muito tímido. Na esteira desse surto econômico pipocam algumas experiências no campo editorial, em geral e da cultura do almanaque, em particular, tais como o *Almanaque de Campinas* publicado em 1871 que teve continuidade em 1872 com o *Almanaque de Campinas e Amparo* e em 1873 com o *Almanaque de Campinas e Rio Claro*. Todas as edições desses almanaques tiveram por organizador José Maria Lisboa, tipógrafo de origem lusa que veio para o Brasil em 1856 e militou intensamente por mais de meio século na imprensa de São Paulo.

A cultura do almanaque acompanhou os processos de modernização material do país perceptivelmente nas regiões de maior dinâmica econômica passando a refletir em suas mais diferentes edições elementos que apontam para novas formas de sociabilidade urbana. Avançando século XX adentro o almanaque torna-se, também, uma importante fonte de pesquisa histórica, como parte relevante do desenvolvimento da história da imprensa no Brasil que, ele próprio tão bem testemunhou:

⁷ REZENDE, Carlos Penteadó de. Notícia Prévia. In: LISBOA, José Maria (ed.). **O Almanaque Literário de São Paulo para o Ano de 1876** – 1º. Ano. São Paulo: Tipografia da Província de São Paulo, 1875 (texto introdutório à reedição da obra em 1982)

⁸ Ibid.

Percebe-se assim que por essa diversidade de tipos, os almanaques tornam-se inventários minuciosos acerca dos pormenores da vida cotidiana de muitas cidades, além de abarcar ainda personagens mais específicos, com a nomeação de pessoas ilustres das localidades, que tiveram ligação não só com o financiamento do café e estradas de ferro, mas também acionistas de casas bancárias e ligados à produção intelectual da época. Almanagues. Pesquisar almanaques propicia ainda reconstruir o passado por meio de imagens presentes em muitos deles.⁹

Trizotti¹⁰ em trabalho de síntese acerca dos almanaques como objeto de estudos por parte de historiadores ressalta o caráter recente no trato com tal fonte impressa sobressaindo desse universo de pesquisas como a de Margareth Brandini Park¹¹ envolvendo as práticas de leituras em torno dos chamados “almanaques de farmácia”; a de Matheus H. de Faria Pereira¹² em tese sobre almanaque publicado pela Editora Abril, publicado entre 1974 e 2005 e grande recepção de público, na qual o autor procura desvendar as concepções de história presentes nas sucessivas edições; a de Ana Cláudia Gomes¹³ em cuja dissertação de mestrado investiga inédito almanaque destinado ao público feminino que circulou entre 1871 e 1927.

José Maria Lisboa, nascido em Lisboa em 18 de março de 1838 imigrou para o Brasil aos 18 anos passando a radicar-se em São Paulo a partir de 1856. Em Portugal exerceu a profissão de tipógrafo e com essa experiência ao desembarcar na capital paulista logo passou a exercer as mesmas funções dentro da imprensa local sendo admitido pela tipografia do jornal *Correio Paulistano*, principal veículo de imprensa paulistana à época. Permanece nesse posto até 1859 quando, por razão de saúde, muda-se para o Rio de Janeiro onde se emprega nas oficinas da Editora e Livraria Laemmert.¹⁴

Retorna a São Paulo e ao *Correio Paulistano*, mas passando a exercer outra função dentro do jornal. Concomitantemente a esse trabalho envolve-se na publicação

⁹ TRIZOTTI, Patrícia Trindade. Almanagues: história, contribuições e esquecimento. In: **Dialogus**. Ribeirão Preto, v.4, n.1. 2008, p. 307-314

¹⁰ Ibid.

¹¹ BRANDINI, Margareth. Leituras de almanaques: o Cordãozinho e o Jeca. In: **Educação & Sociedade**, n.54, abril-1996. Páginas 161-171.

¹² PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **A Máquina da Memória - História, Evento e Tempo Presente no Almanaque Abril (1975-2006)**. Belo Horizonte, 2006. Tese (Doutorado em História)-UFMG.

¹³ GOMES, Ana Cláudia. **O Almanach das Senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada**. Dissertação de mestrado em História. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

¹⁴ AMARAL, Antônio Barreto do. **Dicionário de História de São Paulo**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006, p. 389.

do jornal *A Esperança*, folha de pequena duração (entre junho e novembro de 1862) e que reuniu em seu corpo de colaboradores acadêmicos da Faculdade de Direito de São Paulo, dentre os quais, Fagundes Varela, Cesário Alvim, Guimarães Júnior, que viriam marcar seus nomes no cenário literário e político do país. Ainda por essa época publica uma obra reunindo artigos que haviam saído originalmente no *Correio Paulistano* sob a rubrica de diversos pseudônimos: trata-se de *Cousas e Lousas*, de 1866.¹⁵

Seu casamento, em 1864, com Ana Joaquina de Souza e Castro, irmã do ativista abolicionista Antônio Bento de Souza e Castro, líder dos caifazes, organização que agia na capital e no interior paulista promovendo a fuga de escravos das fazendas, permitiu-lhe alargar sua rede de relações sociais, fato que se consolidará a partir do instante em que assume a administração do jornal *A Gazeta de Campinas* em 1869, aproximando-se do grupo de intelectuais ligados aos movimentos políticos da província paulista àquela época. A folha campineira, de propriedade de Joaquim Roberto era dirigida pelo genro deste, o poeta e bacharel Francisco Quirino dos Santos. Permanecendo em Campinas por seis anos consecutivos, dinamizará suas atividades investindo sua atuação na publicação de almanaques.

De Campinas, José Maria Lisboa retorna à São Paulo, em 1874, a convite de Américo Brasiliense, Américo de Campos (com quem já havia trabalhado quando este fora redator de *Correio Paulistano*) e Campos Salles (seu conhecido dos tempos da *Gazeta de Campinas* onde fora colaborador) para assumir a administração do recém-fundado jornal *A Província de São Paulo*, vindo, nesta folha a conviver com o núcleo central dos ativistas políticos republicanos, como João Tibiriçá Piratininga, colaborador contínuo com artigos de fundo científico; Luís Pereira Barreto, médico e divulgador da filosofia positivista de Auguste Comte e Émile Littré, entre outros tantos.

O grande empreendimento editorial de José Maria Lisboa neste momento foi sua iniciativa de organizar o *Almanach Litterario de São Paulo*. Entre 1876 e 1885, excetuando os anos de 1882 e 1883, o *Almanach* foi publicado ininterruptamente constituindo-se num acontecimento importante na vida intelectual paulistana na medida em que reunia todo o grupo de intelectuais de São Paulo nesse mesmo contexto. O *Almanach* torna-se veículo de divulgação desse grupo, publicando artigos que tratam dos mais diversos temas – economia, ciência, educação, história, entre tantos outros –

¹⁵ AMARAL, Antônio Barreto do. **Dicionário de História de São Paulo**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.

enfeixando uma intencionalidade clara e objetiva em termos de plataforma programática que o grupo, reunido por José Maria Lisboa, tinha em termos de intervenção política.

Ferreira¹⁶ analisando o *Almanach Literario de São Paulo* a partir de uma abordagem que recupera o quadro de autores, textos e temáticas visando situá-lo como fonte formativa da sociedade letrada paulista do final do século XIX, destaca a recepção do periódico na paisagem paulista:

Dado o largo período em que circulou pela maioria das cidades paulista, o almanaque deixou mostras preciosas do mundo letrado da província, bem como das visões de mundo, dos usos, costumes, práticas e crenças correntes da população, nas cidades e fazendas. Se não há fontes sólidas para se aquilatar o alcance da recepção do periódico e a natureza do seu público leitor, pode-se, no entanto, mapear com relativa segurança qual o universo dos autores dos textos publicados.¹⁷

Do mapeamento de autores publicados pelo *Almanach Litterario*, de acordo com Ferreira, o quantitativo alcança cerca de duzentos autores com predominância de colaboradores masculinos, provenientes de classes sociais abastadas, predominantemente dedicados às atividades profissionais liberais como a advocacia e a medicina, e residentes na capital paulista e em localidades do interior abrangidas pela cultura do café e pelos braços ferroviários.

Por fim, Ferreira chama atenção para as mensagens publicitárias veiculadas pelas diversas edições do *Almanach Litterario de São Paulo*, reflexo, segundo o autor do clima de otimismo e dinamismo vivido pela província paulista naquele contexto de expansão econômica em decorrência da cafeicultura:

Algumas vezes ilustrada por desenhos ou fotografias, a propaganda abrange os diversos setores produtivos e de serviços da capital e das cidades do interior: fábricas de tecidos, chapéus e calçados; fundição de serras, bombas, sinos, prensas e ventiladores; firmas importadoras de máquinas para a agricultura, pianos, fogões e máquinas de costura; rede de bancos e casas de câmbio; hotéis para a estada de fazendeiros e advogados; ateliês fotográficos e outros serviços modernos. Há também grande quantidade de anúncios de atividades farmacêuticas – laboratórios homeopáticos e drogarias; de remédios contra o reumatismo, as hemorroidas, a sífilis e a epilepsia; da abertura de consultórios médicos e dentários e de escritórios de advogados nas várias cidades da frente pioneira do café. A propaganda de artigos de

¹⁶ FERREIRA, Antonio Celso. Para ler nos caminhos de ferro: o *Almanach Litterario de São Paulo* (1876-1885). **Patrimônio e Memória**. UNESP, FCLAs, CEDAP, vol. 2, n.1, 2006, pp. 3-16.

¹⁷ *Ibid*, p. 7.

consumo, por sua vez, revela os novos hábitos característicos daquele ambiente de prosperidade e dinamismo: fitas, chapéus, pentes, adornos, roupas feitas para homens e mulheres, linhas, agulhas e modelos para crochê conforme a última moda francesa, coletes para afinar a cintura das senhoras. O almanaque, além de dar publicidade a tais atividades, serviços e produtos, atua como veículo de civilização e de modernidade.¹⁸

Menezes¹⁹ toma o *Almanach Litterario* como “campo de batalha” de visões de educação disputado por seus colaboradores, especialmente, entre os chamados adeptos do ideário científico, tão em voga à época, e os defensores do tradicionalismo representado pelo clericalismo católico, sobressaindo-se nesse caso, Estevam Leão Bourrol, colaborador frequente e representante do ultramontanismo católico e ferrenho adversário das ideias oriundas das teorias científicas.

Do outro lado da barricada, conforme Menezes encontravam-se os auto-proclamados republicanos e adeptos das “ideias liberais” que desempenharam, na capital e no interior paulista, iniciativas no campo educacional seja na forma de fundação de escolas – como o Colégio Culto à Ciência, em Campinas – e da atuação no magistério como Rangel Pestana e sua esposa, Damiana Rangel; João Kopke e seus métodos “modernos” na Escola da Neutralidade; ou como Américo Brasiliense como autor de livro didático de História.

Para Menezes o projeto de “sociabilidade republicana” do grupo de colaboradores do *Almanach Litterario de São Paulo* era compartilhado pelo ideal do progresso via instrução escolar:

[...] desde meados da década de sessenta até o fim do Segundo Reinado, [muitos integrantes do grupo intelectual paulista e colaboradores do *Almanach Litterario*], individualmente, em grupo ou através da criação de sociedades, uma série de escolas particulares, em variados níveis e abrangendo diferentes “clientelas”. Eram colégios técnicos de educação popular, cursos noturnos para trabalhadores – em que se verificou a presença, inclusive, de escravos e libertos – estabelecimentos de ensino primário e secundário para meninos e meninas, aulas avulsas, cursos preparatórios para os exames nas escolas superiores do Império e “centros educacionais” de excelência

¹⁸ FERREIRA, Antonio Celso. Para ler nos caminhos de ferro: o *Almanach Litterario de São Paulo* (1876-1885). **Patrimônio e Memória**. UNESP, FCLAs, CEDAP, vol. 2, n.1, 2006, p.13.

¹⁹ MENEZES, Roni Cleber Dias de. **O grupo do Almanaque Literário em São Paulo: paradigmas da sociabilidade republicana nos tempos de propaganda (1876-1885)**. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, p. 213.

para os filhos filhas dos extratos sociais emergentes da província, cujo maior ícone foi o Colégio *Culto à Ciência* de Campinas.²⁰

Toma-se aqui o *Almanach Litterario de São Paulo* como objeto de estudo na perspectiva da história dos intelectuais, tal como concebida por Jean-François Sirinelli, sobretudo, quando se trata do emprego da noção de sociabilidade intelectual. Por estruturas de sociabilidade entende-se como mecanismos por meio dos quais se percebe as relações e os espaços compartilhados, revelando o “pequeno mundo estreito” dos intelectuais. Nesse sentido, constituiriam exemplos de fontes relevantes para o estudo das estruturas de sociabilidades intelectuais são, de acordo com Sirinelli, as revistas e os manifestos (aos quais podemos acrescentar os jornais), de onde o historiador pode captar, não só, as posições, os debates, as polêmicas, as diferenças ideológicas tomadas pelos grupos intelectuais, como também perceber as relações de sociabilidade e afetividade, expressas nas amizades, fidelidades e influências. Os microclimas (revistas, jornais, manifestos) funcionam como espaços de “movimentos de ideias no sentido das posições tomadas, os debates suscitados e as cisões advindas”.²¹

No processo de elaboração de uma “arqueologia” das estruturas de sociabilidade dos grupos intelectuais é preciso levar em conta as variações ao longo do tempo dessas redes, tais como “salões”, academias, instituições escolares, associações e grêmios literários e culturais, em torno das quais vão se conformando as opções políticas e ideológicas dos intelectuais. O inventário das afetividades no mundo dos intelectuais, também, conta para uma investigação:

A atração e a amizade e, ao contrário, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor [constituem uma espécie de] fatores afetivos [para a construção de uma] patologia do intelectual.²²

A tarefa de reconstituição das redes de sociabilidade pode ser explorada ainda em fontes ainda mais diversas tais como as representações elaboradas pela sociedade em torno dos intelectuais, as polêmicas travadas por intelectuais de uma dada época que marcaram a “atmosfera intelectual” de um período histórico, as especulações e os

²⁰ MENEZES, Roni Cleber Dias de. **O grupo do Almanaque Literário em São Paulo**: paradigmas da sociabilidade republicana nos tempos de propaganda (1876-1885). São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, p. 225.

²¹ SIRINELLI, Jean-François A geração. In: FERREIRA & AMADO, **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1996, p. 248-249.

²² Ibid., p. 250.

boatos em torno da vida pessoal e profissional dos homens de letras, as características de “um microcosmo intelectual particular”, como, por exemplo, o estudo de organizações políticas ou estudantis.

Para o caso do *Almanach Litterario de São Paulo* observa-se no decorrer de seu tempo de publicação o compartilhamento de experiências sociais e intelectuais entre seus colaboradores²³ mais frequentes, sobretudo, em termos de opções políticas. Do quadro de colaboradores toma-se conhecimento de que são originários dos mesmos microcosmos de formação intelectual e profissional, particularmente, dos bancos escolares da Academia Paulista de Direito, fundada em 1827, e responsável pela formação do modelo de homem público e intelectual brasileiro desde então; das experiências estudantis surgem o gosto compartilhado pela polêmica manifestada por meio de imprensa e grêmios acadêmicos tão combatíveis como prolíficas; do campo profissional trazem as experiências em carreiras jurídicas e dos empreendimentos na imprensa, principal veículo do intelectual brasileiro no contexto da segunda metade do século XIX.

Outro aspecto da estrutura de sociabilidade dos colaboradores do *Almanach Litterario* está relacionado aos espaços sociais de vivências dentre os quais realçam as lojas maçônicas, irmandades onde seus membros trocam relações de interesses e fidelidades, exercício fundamental para o surgimento de afinidades e aproximações ideológicas e políticas, estruturando, dessa forma, para a conformação de ações coletivas.

Combinado com a noção de estruturas de sociabilidade emprega-se o conceito de “repertório de ideias”, desenvolvido pelo campo da sociologia em particular pelos trabalhos de Charles Tilly. Por repertório entende-se como sendo uma ferramenta através da qual os intelectuais lançam mão como estratégia de ação política. O repertório é construído historicamente com finalidades práticas de atuação e é:

²³ Seleção dos colaboradores mais frequentes do *Almanack Litterario*: Américo de Campos (bacharel em Direito e jornalista de *O Cabrião*, *A Província de São Paulo* e *Diário Popular*); Américo Brasiliense (bacharel em Direito e militante do Partido Republicano); Antônio Francisco de Paula Souza (engenheiro e militante do Partido Republicano); Barão Homem de Mello (cartógrafo e autor de *Carta Física do Brasil*, de 1876); Campos Salles (bacharel em Direito e futuro presidente do Brasil); Francisco Quirino dos Santos (poeta, bacharel em Direito e jornalista da *Gazeta de Campinas*); Francisco Rangel Pestana (jornalista, bacharel em Direito e jornalista de *A Província de São Paulo*); Alberto Salles (Bacharel em Direito, jornalista e teórico político); João Tibiriçá Piratininga (ativista do movimento republicano em São Paulo e autor de temas científicos); Luiz Pereira Barreto (médico formado na Bélgica e teórico político), entre outros.

Composto de padrões analíticos; noções; argumentos; conceitos; teorias; esquemas explicativos; formas estilísticas; figuras de linguagem; metáforas.²⁴

Assim sendo o repertório intelectual não tem compromissos com coerência em relação à linhas ideológicas ou correntes filosóficas visto que sua construção corresponde a um conjunto “deliberado de escolha” para fazer frente às urgências impostas pelas batalhas políticas. Dessa forma, Tilly compreende repertórios como:

Criações culturais aprendidas, mas [que] não descendem de uma filosofia abstrata ou ganham forma como resultado de propaganda política; eles emergem da luta [...] e designam [...] um conjunto limitado de esquemas que são aprendidos, compartilhados e postos em prática através de um processo relativamente deliberado de escolhas.²⁵

Nesse sentido, o repertório de ideias veiculado pelo *Almanach Litterario de São Paulo* se inscreve num contexto histórico específico, qual seja, o de crise do sistema político monárquico, razão pela qual seu discurso esteja ancorado em argumentos, conceitos e teorias intencionalmente de confronto com a plataforma ideológica que sustentava o regime hegemônico. Os intelectuais que escrevem para o *Almanach* estão elaborando um discurso de embate visando atingir, através de noções como ciência, república, trabalho, educação, dentre outras, grupos sociais que se consideravam à margem do sistema político dominante.

Este é o aporte teórico-metodológico com que se trabalha o *Almanach Litterario de São Paulo*: como espaço de convivibilidade intelectual e compartilhamento de experiências e ideais num contexto de crise do Império. Os oito volumes do *Almanach* publicados entre 1876 e 1885 reúnem grupo de intelectuais paulistas comprometidos com um projeto político de oposição ao regime. Este grupo busca nos “esquemas explicativos” da época – positivismo, república, abolicionismo, cientificismo, entre outros - elementos que pudessem embasar suas escolhas e opções políticas.

²⁴ SWINDLER, A. **Culture in action**: symbols and strategies. *American Sociological Review*, v. 51, 1986, p. 283 apud ALONSO, Angela. *Ideias em Movimento: a geração 1870 na crise do Brasil- Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 39

²⁵ TILLY, C. Contentious Repertoires in Great Britain, 1758-1834. *Social Science History*, v. 17, n. 12, 1993, p. 264 apud ALONSO, Angela. **Ideias em Movimento: a geração 1870 na crise do Brasil- Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 39

O primeiro volume da série de oito veio à luz em 1876 com o nome *Almanach Litterario Paulista* sendo que neste mesmo volume José Maria Lisboa dividiu a tarefa da edição com Abílio Marques (ligado a família de empreendedores nos ramos da tipografia e imprensa) e J. Taques. Nos demais volumes a tarefa de editor fica exclusivamente a cargo de José Maria Lisboa, já experiente no ramo de publicar almanaques, como vimos anteriormente, e ligado à mesma época ao jornal *A Província de São Paulo* onde exercia a função de administrador.

Os objetivos do *Almanach* manifestado em todos os prólogos da série são o de fazer um livro “escrito simplesmente por paulistas e sobre assumptos da província” tal como enfatizado na edição de estreia em 1876. Escrever “um livrinho interessante e essencialmente paulista” (1877); trazendo à público “ cousas desta bela província” e visando tornar-se “uma modesta galeria das glórias passadas e presentes da província de S. Paulo” (1878); ou, então, contribuir com a publicação “fontes importantes não só para o estudo da historia da Província, como traços acentuados de sua pujança em todos os sentidos” (1885).

Para alcançar tal intento, José Maria Lisboa reúne corpo de colaboradores relativamente frequentes em praticamente todas as edições do *Almanach*, escrevendo sobre os mais diversos assuntos variados ao lado de seções relativamente permanentes como seção literária com especial destaque para o gênero poético para qual concorrem contribuições de Francisco Quirino dos Santos, bacharel em Direito, diretor do jornal *Gazeta de Campinas* e autor de *Estrelas Errantes*, volume de poesias publicadas em 1863; Lúcio de Mendonça, bacharel em Direito e que no futuro viria a ser um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras em 1897; além de Wenceslau de Queiroz e Vicente de Carvalho dentre os poetas publicados mais conhecidos.

Havia ainda uma seção de assuntos religiosos tratando de esboços biográficos de religiosos católicos, além de perfis arquitetônicos e históricos de mosteiros e igrejas, em geral a cargo de Estevam Leão Bourrol, francês da cidade de Nice e advogado católico então residente em São Paulo; seção permanente contendo calendários trazendo aspectos astronômicos, religiosos e civis, além de horários de linhas de trem ligando a capital ao interior da província e de carros de aluguel que circulavam pela São Paulo daquele final do século XIX.

Outra seção permanente no *Almanach* era a que dava destaque ao vocabulário e costumes dos caipiras de São Paulo em geral recolhidos por Brasília Augusto Machado

de Oliveira, bacharel em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco, advogado na região de Piracicaba; e aos vultos históricos paulistas como Amador Bueno da Ribeira, Diogo Antônio Feijó, além de referências à personalidades e vocábulos indígenas que tiveram influência na constituição do paulista.

As colaborações destinadas a manifestação de crítica social e política não havia um campo específico de seção. Encontram-se dispersos pelo volume e de um modo geral seu espaço era coberto por contribuições de um grupo de intelectuais ligados a outras publicações entre elas *A Província de São Paulo*, *Cabrião*, *Gazeta de Campinas* e *Diário Popular*, além de folhas acadêmicas. O perfil acadêmico e profissional desses intelectuais era o de bacharéis em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco e doutores em Medicina e Ciências, inclusive, com formação obtida no exterior. Profissionalmente estão ligados ao exercício das profissões jurídicas (advocacia, magistratura, promotoria), instituições de ensino secundário e superior.

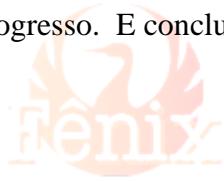
Para efeitos de análise do repertório produzido pelo grupo de intelectuais vinculados à sociabilidade republicana e destinado à publicação pelo *Almanach Litterario de São Paulo* destacam-se três tópicos: os procedimentos técnico-científicos relacionados com o espírito empreendedor, as iniciativas no campo educacional e a crítica ao sistema político do Império.

Na edição de 1876, Antônio Francisco Paula Souza, engenheiro formado na Suíça e na Alemanha, publica o artigo “Esboço rápido de algumas de nossas indústrias comparadas às dos Estados Unidos”. Para o autor o emprego de máquinas na produção era fator não só de prosperidade econômica como também de desenvolvimento de um “espírito industrial nos indivíduos” tornando-os empreendedores, com maior iniciativa e menos dependentes do Estado. Toma como ponto de partida para a construção de seu argumento sua própria experiência vivida nos Estados Unidos para constatar que havia entre os brasileiros “pouco desenvolvimento do espírito industrial e comercial”. Espírito este que, na visão de Paula Souza²⁶, estava abundantemente presente entre os “americanos do norte” permitindo, desse modo, que os Estados Unidos tivessem grandes extensões de estradas de ferro, favorecendo o deslocamento de pessoas e, principalmente, de mercadorias agrícolas.

²⁶ PAULA SOUZA, A. F. **Esboço rápido de algumas de nossas indústrias comparadas às dos Estados Unidos**. In: LISBOA, José Maria. *Almanach Litterario de São Paulo para o Anno de 1876*. 1876, p. 49-57.

O “espírito industrial e comercial”, associado ao “princípio econômico da divisão do trabalho” e aos “mecanismos aperfeiçoados” permitiam, ainda, segundo Paula Souza, o desenvolvimento de “engenhosos mecanismos” aplicados à técnicas de seleção de sementes, na utilização de máquinas em todas as etapas do processo produtivo agrícola, no processo de estocagem da produção por meio da criação de bancos, ancorados por um consistente sistema de comunicação e de transação comercial-bancário.

Toda descrição de Paula Souza ganha maior intensidade quando ele a partir dessa experiência norte-americana passa a compará-la com o que ocorria no Brasil à época. Aí se percebe que os elogios à eficiência do sistema produtivo norte-americano visavam dar substância à crítica ao sistema político monárquico. Para o engenheiro Paula Souza a ausência do “espírito industrial e comercial” entre os brasileiros era fruto de excessivo processo de centralização imposto pela monarquia impedindo, assim, a tomada de iniciativa dos indivíduos. A “centralização esmagadora” sobre os indivíduos e os municípios provocava a “atrofia” comprometendo o destino do país rumo ao progresso. E concluía:



Uma população, como a nossa habituada a ser tutelada constantemente e em tudo, não pode avançar muito na senda do progresso. [...] estamos habituados à tutela e ao despotismo o mais imoral possível. Quantas vezes não se estão vendo decretos e avisos revogarem leis feitas pelos poderes competentes sem que a mínima indignação do país, sem que o menor rubor suba às faces dos brasileiros?²⁷

Paula Souza volta a escrever sobre empreendimentos agrícolas na edição de 1878, através do artigo intitulado “John Deere”. Deere fora fundador de um fábrica de instrumentos agrícolas na cidade de Moline, estado de Illinois, nos Estados Unidos. O objetivo de Paula Souza com o artigo é realçar o perfil empreendedor do homem norte-americano encarnado na figura de John Deere, exaltando suas qualidades práticas e sua dedicação ao trabalho e ao estudo. O eixo central de sua narrativa é o de atribuir à educação escolar o pilar de sustentação do progresso econômico e moral dos norte-americanos e arremata sua argumentação afirmando que é na escola:

²⁷ PAULA SOUZA, A. F. **Esboço rápido de algumas de nossas industrias comparadas às dos Estados Unidos**. In: LISBOA, José Maria. Almanach Litterario de São Paulo para o Anno de 1876. 1876, p. 49-57.

Que reside o principal segredo da grandeza daquele povo, e do êxito feliz dos empreendimentos daqueles homens: é nessa instrução larga, derramada com abundância, com verdadeira prodigalidade, por toda a parte, sem entraves administrativos.²⁸

E se pergunta Paula Souza sobre as razões para as quais no Brasil o destino não concorreu para a efetivação de semelhantes desígnios, chegando à conclusão de que fatores condicionados ao regime monárquico constituíam entrave insuperável para o país atingir o mesmo patamar de desenvolvimento que o alcançado pelos Estados Unidos:

Um país escravo não é digno do progresso, enquanto o povo não for senhor soberano de seus destinos, enquanto ele for súbdito, rebanho ou propriedade de alguém, chame-se este governo constitucional, rei ou imperador; quaisquer que sejam os esforços destes, por maiores que sejam os gastos de dinheiros públicos para esse fim, mesmo o entusiasmo aparente que manifestem os imperadores ou senhores em prol da instrução, ele não será instruído e portanto não progredirá.²⁹

Observa-se que a crítica ao sistema político monárquico parte de questões essencialmente práticas e não de abstrações filosóficas. Ao realçarem a importância da técnica e da ciência aplicadas ao processo produtivo agrícola ou ao exaltarem a escola como fator de desenvolvimento de uma nova consciência moral os intelectuais colaboradores do *Almanach Litterario* de São Paulo estão dando suporte para um repertório essencialmente prático de ação política em defesa de um novo projeto político de país.

Na mesma edição de 1876 outra vertente do repertório do grupo de intelectuais paulistas em torno do *Almanach* se faz presente. Manoel Ferraz de Campos Salles³⁰, futuro presidente da República, escreve “Culto À Ciência” artigo no qual defende a escola como fundamento na formação de “cidadãos uteis à pátria”, afirmando que “A instrução é um meio, o fim é a liberdade”.

Colégio Culto à Ciência foi fundado em Campinas em 1869 por iniciativa de um grupo de empreendedores sob a direção de Antônio Pompeu de Camargo,

²⁸ PAULA SOUZA, Esboço rápido de algumas de nossas indústrias comparadas às dos Estados Unidos. In: LISBOA, José Maria. **Almanach Litterario de São Paulo para o ano de 1876**, p. 49-57.

²⁹ PAULA SOUZA, A. F. John Deere. In: LISBOA, José Maria. **Almanach Litterario de São Paulo para o ano de 1878**, p. 65-70.

³⁰ CAMPOS SALLES, M. F. Culto à Sciencia. In: LISBOA, José Maria. **Almanach Litterario de São Paulo para o ano de 1876**, p. 177-181.

fazendeiro de café e investidor da Companhia Paulista de Estradas Ferro. É essa iniciativa que serve de mote para Campos Salles fazer sua defesa incondicional da “causa da instrução”. Destaca o esforço a relevância que a questão da “instrução popular” adquiriu nos Estados Unidos e acentua os frutos colhidos desse enorme esforço na forma de progresso material e de constituição moral dos cidadãos:

Os cidadãos d’aquela maravilhoso país, cujo extraordinário progresso em todos os ramos da atividade humana enche de justa admiração o mundo civilizado, quando querem para si um título de nobreza perdurável e capaz de perpetuar o seu nome na memoria das gerações futuras, em vez dos brasões de uma fidalguia ridícula e absurda, têm o bom senso de procurar antes gravá-lo na fachada de um templo, que possa recolher o povo para ensiná-lo a meditar e a raciocinar.³¹

E conclui lamentando que no Brasil tanto iniciativas oficiais por parte dos agentes do Estado como por parte de particulares sejam tímidas e esparsas e exalta a criação do Culto à Ciência como um marco na província de São Paulo preenchendo uma lacuna resultado da “inação governamental”, no campo da educação.

Educação foi, também, um dos componentes do repertório de dois outros colaboradores do *Almanach*: Francisco Rangel Pestana e Américo Brasiliense de Almeida Mello, bacharéis pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e objeto de esboços biográficos na edição de 1877. Rangel Pestana³² embora tenha se tornado mais conhecido pelo seu trabalho na imprensa, sobretudo, em *A Província de São Paulo*, do qual foi seu redator desde 1875, teve reconhecida atuação no campo da educação³³. No Rio de Janeiro foi criador da chamada Escola do Povo, fundada sob a crença de que “a emancipação do homem” se fazia por meio da “educação e instrução”.

Em Campinas foi professor do Colégio Internacional fundado, em 1874, pelo pastor norte-americano Nash Morton onde lecionou as cadeiras de retórica e língua nacional e, em São Paulo, Pestana ao lado de sua esposa Damiana, vai fundar o Colégio Pestana, destinado à educação de meninas, colocando em prática teses que defendia

³¹ CAMPOS SALLES, M. F. Culto à Sciencia. In: LISBOA, José Maria. **Almanach Litterario de São Paulo para o anno de 1876**, p. 177-181.

³² ANTONIO CARLOS. Francisco Rangel Pestana. In: LISBOA, José Maria. **Almanach Litterario de São Paulo para o anno de 1877**, p. 61-70.

³³ Rangel Pestana foi objeto de pesquisa de doutorado na área de educação: Maria Lúcia Spedo Hilsdorf: **Francisco Rangel Pestana**: jornalista, político, educador. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1986.

quando de sua passagem pela redação do jornal acadêmico *O Lyrio* no qual se debatia por meio de artigos pela defesa da educação e emancipação feminina.

Américo Brasiliense, por sua vez, desenvolveu atividade educacional como professor do Colégio Caldeira, em Campinas, cujo proprietário havia-o convidado para ministrar aulas na cadeira de História Pátria. Dessa experiência resultou a publicação do livro *Lições de História Pátria* cuja edição ficou a cargo do próprio José Maria Lisboa. Lecionou, ainda, a mesma cadeira no Colégio Pestana, em São Paulo.

Na edição de 1879 a questão da educação pública volta a ser tratada., desta vez por meio de Alberto Salles, ativo militante da causa republicana em São Paulo ao longo da década de 1880. Escreve Alberto Salles o artigo “A instrução publica nos Estados- Unidos e no Brasil” no qual como o título já anuncia estabelece uma comparação entre o sistema escolar norte-americano com o brasileiro. Apresenta argumentação fundamentada na tese de que a força dos Estados Unidos reside no fato de que este país ofereceu condições para iniciativas oficiais e particulares no da instrução pública:



Quando assim se dispõe uma nação a fazer os maiores sacrifícios em favor da instrução publica, é porque, certamente, sabe devidamente avaliar a importância da escola, não somente como meio civilizador, mas também como instrumento indispensável aos governos democráticos e amparo seguro das liberdades conquistadas.³⁴

Alberto Salles apresenta quadros estatísticos contendo números relativos a distribuição de população e frequência escolar, escolas e quadro de professores, além de despesa orçamentária relativa ao investimento em educação tanto nos estados norte-americanos como nas províncias brasileiras, para concluir que o peso do passado histórico foi determinante para que Estados Unidos e Brasil tivessem chegado à situações educacionais tão distintas:

E’ que a nação americana visa a liberdade desde o berço, enquanto que pesavam em nossos pulsos as algemas do absolutismo português; é que a América sentiu logo a consciência de sua personalidade, ao passo que o Brasil foi sempre tratado como escravo.³⁵

Se por um lado a crítica presente no repertório intelectual de oposição ao regime aponta o descompasso entre os símbolos do que era tido como moderno –

³⁴ ALBERTO SALLES, J. A instrução publica nos Estados Unidos e no Brazil. In: LISBOA, José Maria. *Almanach Litterario de São Paulo para o anno de 1879*, p. 152-169

³⁵ *Ibid.*, p. 152-169.

máquinas, pesquisa científica, educação escolar, etc – e a realidade prática vivida pelo país naquela conjuntura, por outro lado, estará disposta, ainda, nos aspectos internos do próprio sistema político do Império. É o caso do artigo “A política da monarquia” de Campos Salles publicado na edição do *Almanach* para o ano de 1880.

Neste artigo o então advogado Campos Salles³⁶ contesta o que chama de “sofisma dos adeptos da monarquia”. Para Campos Salles, os adeptos da monarquia para combater os argumentos dos partidários “da ideia democrática”, lançam mão de “falsos princípios”, tais como: o povo brasileiro não estaria “apto para o gozo da liberdade”, visto que não teria alcançado o “nível intelectual que garante a compreensão dos direitos e deveres peculiares a cada cidadão na comunhão social”; ou que o despotismo da “tutela governamental” fazia-se necessário visto que o povo era “indigno dos benefícios da emancipação política” dado sua propensão à “corrupção dos costumes, a fraqueza do caráter e a sua ausência da dignidade e pessoal”.

Argumenta Campos Salles que o estágio em que se encontrava o regime monárquico caracterizada por “engenhosa estrutura”, que imobilizava e oprimia a sociedade, impedia, entre outros aspectos, a realização de reformas que se faziam urgentes, como a reforma do judiciário e do sistema eleitoral. Para Campos Salles ao postergar e dificultar tais reformas, o sistema monárquico estava deixando claro sua “própria natureza” na medida em que as leis votadas e aprovadas pelos membros do Parlamento do Império não representavam a vontade popular e sim da “chancelaria imperial”.

E conclui o artigo afirmando que a artificialidade do sistema eleitoral imperial era a maior “fonte dos abusos” do regime e que tal manutenção tornava corrupta as “instituições” políticas existentes. A corrupção e a ignorância não estavam no corpo social, mas, sim no próprio sistema político imperial:

Se os governados são os corrompidos e os ignorantes, e se a pureza dos costumes, o patriotismo e a sabedoria tornaram-se nesta infeliz terra o apanágio exclusivo dos governantes, destruí de uma vez para sempre o burlesco artefato do sistema representativo e deixai que o rei governe comodamente, só com os seus validos.³⁷

³⁶ CAMPOS SALLES, M. F. A política da monarchia. In: LISBOA, José Maria. *Almanach Litterario de São Paulo para o anno de 1880*, p. 15-19.

³⁷ *Ibid.*, p. 15-19.

Campos Salles revelou-se um colaborador ativo do *Almanach* e crítico radical do sistema monárquico condenando a centralização e defendendo a autonomia do indivíduo e dos poderes locais. Na edição de 1879, cita o exemplo da cidade de Campinas como modelo de iniciativa de espírito empreendedor do paulista para mostrar o quão pernicioso era o comportamento centralizador do Império, responsável em seu ponto de vista pelo consumo da “vitalidade nacional”:

A energia do cidadão que é o característico da sua personalidade, deixa de intervir como um valioso agente de propulsão no mecanismo do Estado, porque o sistema adotado atrofia e mata as extremidades, supondo que atrai para o centro o vigor e a força.³⁸

Manejando um liberalismo rudimentar associado a noções organicistas de funções das partes em relação ao todo, afirma Campos Salles que no Brasil, sob o regime monárquico, as ações envolvendo os “elementos da vida” são invertidas na medida em que não são distribuídos a partir do indivíduo para as instâncias político-administrativas mas, sim, ao contrário da instância central para o indivíduo, fator determinante para, segundo sua análise para falta de organização do corpo social.

A centralização aniquila as “vontades individuais”, diz Campos Salles, tornando sem função os demais entes administrativos – municípios e províncias – além de se revelar um obstáculo ao desenvolvimento do país, pois, não oferece “estímulos nem recursos” para a abertura de empreendimentos. Apesar deste quadro, Campos Salles aponta os paulistas como um tipo exemplar de comportamento “para vencer a centralização” imposta pelas instituições do Império e vaticina que “pela educação e pelo trabalho chega-se à liberdade”.

A publicação do *Almanach Litterario de São Paulo* teve sua regularidade interrompida nos anos de 1882 e 1883 por razões desconhecidas. Retornou sua periodicidade em 1884 para ter sua última edição em 1885. Nesta sua última fase a publicação manteve seu formato original sem, entretanto, trazer artigos de maior combate político. Destaca-se, nesta última fase do *Almanach*, o esboço biográfico de Luís Pereira Barreto publicado na edição de 1884 escrito por Azevedo Sampaio. Estudioso do positivismo via Littré com quem chegou a trocar missivas, Pereira Barreto

³⁸ CAMPOS SALLES, M. F. O espírito de iniciativa em Campinas. In: LISBOA, José Maria. *Almanach Litterario de São Paulo para o ano 1879*, p. 1-12.

constituiu-se em colaborador permanente da imprensa paulista veículo que lhe serviu de espaço para debater e polemizar acerca de seus posicionamentos filosóficos.

Constituiu-se para o contexto paulista do final do século XIX importante canal de compartilhamento de intelectuais e de produção de um discurso anti-monárquico. Sua periodicidade relativamente longa se explica pela busca de prestígio de uma elite intelectual marginalizada pelo sistema político imperial. Ancorada em plataforma de ideias e de interesses que vinha ao encontro dos setores agrários emergentes na província paulista, o grupo de intelectuais que gravitou em torno do *Almanach Litterário de São Paulo* soube construir repertório de confronto articulado à ação política que se mostrou, ao fim e ao cabo, eficiente no combate ao regime monárquico como se pode verificar com os acontecimentos de 15 de novembro de 1889.

Representou, dessa forma, o *Almanach Litterario de São Paulo* página importante na história da imprensa paulista não só como veículo de discurso político mas também como espaço de sociabilidade intelectual em um contexto ainda de precariedade da vida pública dos homens de letras.



www.revistafenix.pro.br

RECEBIDO EM: 15/05/2017

PARECER DADO EM: 19/11/2018